

O reencontro de Nelson com Graciliano

*O motim dos internos
em Memórias do Cárcere.*

O roteiro

INTERIOR. PAVILHÃO DOS PRIMÁRIOS. DIA.

A câmara enquadra inicialmente a boca do painelão de comida, uma pasta fumegante de aspecto desagradável. A concha entra em campo retirando uma porção que é jogada num prato imundo. A câmara se afasta, o prato está na mão de um prisioneiro, que sai de campo, deixando no centro do quadro RAMOS que se aproxima. Recebe a sua ração, uma colher, mais uma banana e uma laranja. Sai de campo, entra outro prisioneiro.

PRISIONEIRO - A gororoba hoje está de matar.

RAMOS está chegando no "35", onde entra. SÉRGIO e BIRINYI já estão no meio da refeição. RAMOS senta-se à beira da cama, põe o prato em cima da folha de jornal, mas não se atreve a comer.

CAPAGILDO (OFF) - Companheiros! Não podemos nos conformar diante desse tratamento desrespeitoso!

Os ocupantes do "35" levantam-se, dirigindo-se para o passadiço.

A câmara enquadra RAMOS, BIRINYI e SÉRGIO saindo do do cubículo. Ao fundo, CAPAGILDO, com o prato na mão, agita o Pavilhão.

CAPAGILDO - A direção desta masmorra se recusa a nos fornecer talheres decentes. Como resposta, aí está!

Arremessa o prato e a colher para baixo, no que é seguido imediatamente por todos os que estão ao seu lado.

RAMOS vai buscar o prato em cima da cama, saindo e entrando em campo. Joga a gororoba com imenso prazer.

A câmara enquadra de cima para baixo o chão da Praça Vermelha recebendo pratos de todas as direções. A comida imunda se esparrama.

A câmara enquadra os faxinas apavorados, saindo pelo portão, os GUARDAS dando o alarma.

GRITOS, VAIAS, BADERNA.

(*Memórias do Cárcere*. Adaptação cinematográfica de Nelson Pereira dos Santos.)

O romance

Naquele dia a comida veio muito ruim, de aspecto mais desagradável que o ordinário. No caixão, ao pé da grade, empilhavam-se os pratos e o alimento se comprimia formando uma pasta onde se misturavam carne, peixe, arroz, e batatas esmagadas. Entramos na fila, passo a passo nos avizinhamos dos faxinas ocupados na distribuição, recebemos a bóia enjoativa e a sobremesa: uma laranja murcha, uma banana preta, meio podre.

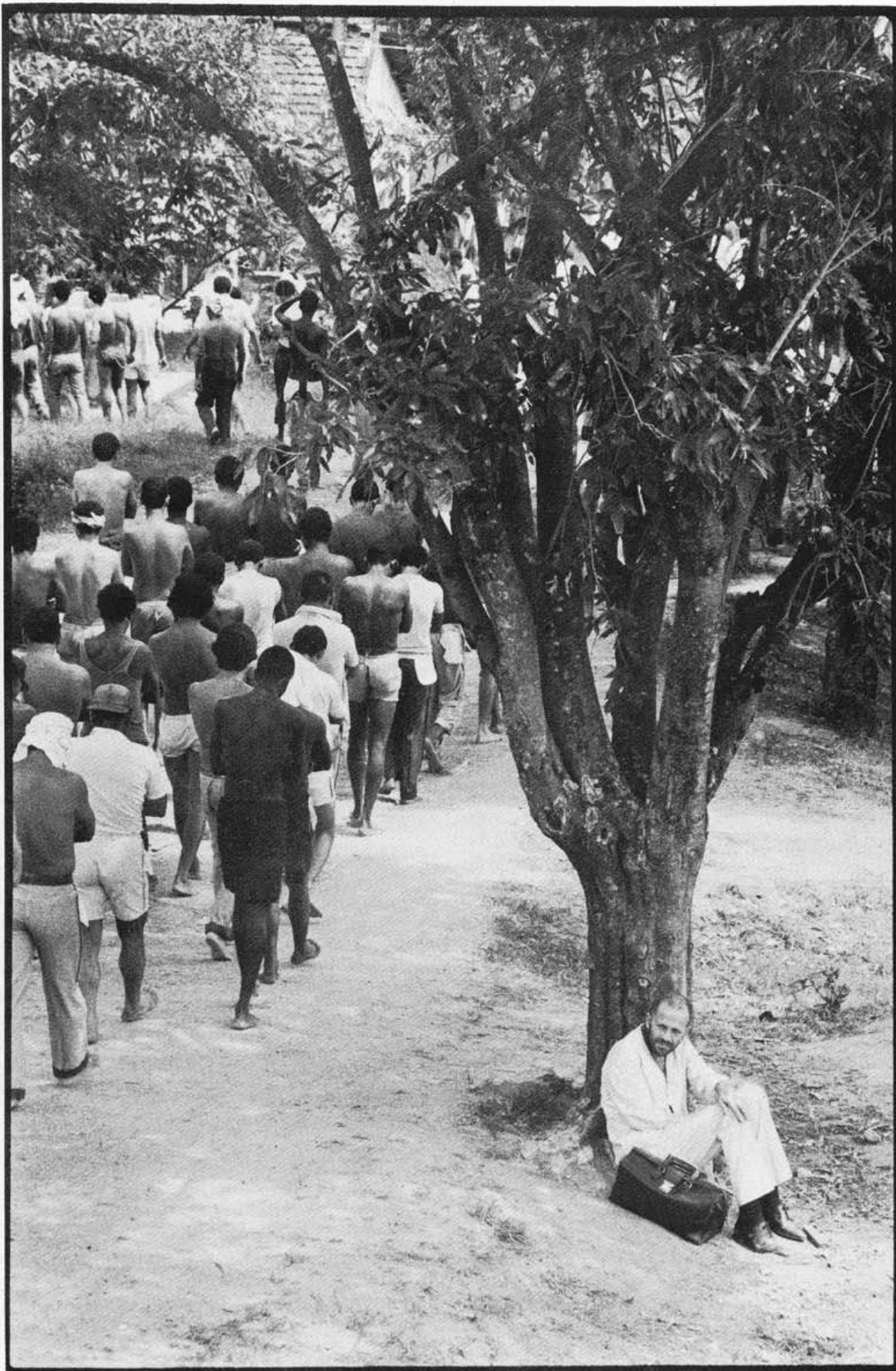
Afastei-me, pegando a louça imunda, a sentir nos dedos grãos machucados e gordura, subi os degraus de ferro. Lá em cima iria repetir-se a dificuldade comum nas refeições. À falta de mesa ou cadeira, forrávamos a cama com jornais guardados para as tochas com que se queimavam os percevejos. Evitávamos assim o contato da coisa repugnante com as cobertas. Mas a imprensa ali era clandestina, só tinha livre curso à noite, nos resumimos badalados pela Rádio Libertadora. Minguava o papel - e, depois da queima dos insetos, procedíamos como bichos, segurando a comida, num embaraço horrível.

Naquela tarde, no cubículo, antes de lavar as mãos besuntadas, ouvi perto uns gritos finos. Cheguei-me à porta, vi a pequena distância Agildo Barata no passadiço, junto aos varões do parapeito, formulando uma arenga bastante arrepiada. (...)

O caso era simples. Tínhamos em vão, por intermédio do Coletivo, reclamado talheres; surda à exigência, a diretoria supunha que nos bastava uma colher. Não nos deveríamos conformar, achava Agildo alinhando frases suaves e resolutas. Como as nossas razões não tinham produzido efeito, convinha, no parecer dele, adotarmos a última. Finda a exposição curta, jogou o prato cheio no pavimento inferior.

Nem tive tempo de pensar. Entrei na célula, apanhei o jantar nojento, arremessei-o por cima do parapeito.

(*Memórias do Cárcere*.
Graciliano Ramos. Editora Record,
12ª edição, vol.I, p.272-3)



Antonio Augusto Fontes

Vereza como Graciliano, hóspede do Pavilhão dos Primários.